

TOMAZ  
DE FIGUEIREDO

MONÓLOGO EM ELSENOR II

TÚNICA DE NESSO • MEMORIAL DE ARIEL



IMPRESA NACIONAL - CASA DA MOEDA

## I

Com o ver perfurante dos que se vêem e sentem fora da vida, além do humano, a olhá-los sem neblina e miragens, lê o poeta cada vez mais vivo mas homem já morto o secreto de quantos dele se aproximam, nota bem o de algum raro que de longe só dissimulado nele repare.

Em comparação ao do transido (trans-ido) é o olhar das águias de vidro embaciado, é de cristalino e pupila murchos e secos. Quem vê do além das estrelas vê com olhos de deus.

Bem de cristal de rocha, sem betas e impurezas, a alma do João, do fiel entre os fiéis! Homem-criança, entendedor, por isso, dos homens que nunca deixaram de ser crianças, dos sempre-anjos, quer o João, sem que desista, comunicar ao amigo, que tão saudável conheceu, a sua serenidade e sanidade de alma, chamá-lo, restituí-lo firme ao céu normal e natural em que vive: ao de todos os homens, ao que é direito do Homem, tão direito como o da vida, o de viver enquanto vivo.

Que tão directos e leais olhos tem!

O irmão do João, o António, na mesma.

Ambos firmemente crêem e precisam crer que há-de o companheiro voltar ao que foi, à alegria, ao que só a doença não o deixa ser, ao que não deixa gozar. O companheiro, ajudado por eles, por seus cuidados amigos, alaçará e desenlar-se-á da corda que o esgana, que o tira de ser humano. Podem lá aceitar que um homem como esse, ou qualquer que fosse, para todo o sempre fique leso, alheado, como que tonto, desinteressado de quanto amou com tão funda paixão, a dizer que já o não ama, e a notar-se à légua que tal desinteresse é falso, que, mais do que nunca, estremece a tudo o que lhe foi

querido e abraçou, a tudo o que beijou?! Enormidade, bruteza incrível que esteja na mão de homens, em seu poder legal e justo, fazer assim de um homem, e então de que homem! Caso de não aceitar, de nem sequer imaginar! Doença, doença, a da tristeza, más todas as doenças têm cura... E não há mal que sempre dure. Depois da tempestade vem a bonança.

Encostam-se a estes e outros provérbios, certamente de lição provada, quando o mal não é de morte nem de naufrágio: quando o homem não está ainda enterrado ou a barca no fundo.

Fácil de acudir a essa tristeza, e hão-de acudir-lhe... Receita fácil! Precisa é distrair-se, pensar noutras coisas, não pensar na doença nem na causa. Águas passadas! É simplicíssimo... Uns passeios na ria, como dantes — vem aí a Primavera —, umas pescarias, meia centena de robalos a pinchar no cacifro, uns leitões bem tostadinhos, umas botelhas do vinho branco da quinta, daquele que sabe e passa logo às veias...

Espere... Nas pescarias, cuidado se vem lacraia em vez de robalo... As lacraias têm espinhaço peçonhento, espetam-no ao desenganchá-las do anzol, incha a mão e são dores do diabo... Os novatos na ria devem ter cautela, reparar...

— Lacraias, muito pior que lacraias, vim eu a encontrar nesta terra! — queixa-se o poeta, revoltado. — Lacraias? Víboras! E aqueci-as ao peito, como a da fábula...

— Deixa, deixa lá isso, não penses nisso! — atalha o João. — E vai mas é preparando as canas, empatando os anzóis, preparando a tralha toda! Umas passeatas na minha lancha... E agora é que é ver a lancha, com o motor de vinte cavalos... Até parece um cavalo! Deixa-te lá disso, de dizer que não a tudo! Precisas de reagir! É preciso reagir! — e aduz argumentos, acode com exemplos: também já se viu em talas parecidas, talvez piores — conta-as —, encontrou safados iguais ou piores, e o que passou, passou. — A vida começa amanhã! — e cita Goethe, cuidando citar Pitigrilli. Só era o que faltava, nunca tal se tinha visto, ficar para o resto da vida agarrado a um desgosto! Um tal disparate! Uma tal loucura! Tristezas não pagavam dívidas!

Que ingénuos e queridos amigos, que amigos de lei! Que amigos de oiro! Umas passeatas na ria?! Umas dúzias de robalos parvinhos, e para quem já pescara trutas, a acudirerem à minhoca sem darem calafrios ao pescador, ainda por cima?! Alguma tainha esperada e chumbada ao terceiro salto, dispa-

rando de raio?! O pardo de algum alfanado, a cabeça azul de algum lavanco, chumbados na passagem?!

Passeatas amigas na ria?! Mas nem duas dúzias de voltas ao mundo, em veleiro apresado a corsários, armado em bri-gue, com paragens nos fiordes, a pescar nos fiordes peixe de esticção e luta, a quebrar à carabina asas de alcatrazes, a varar corações de ursos-brancos... Mas nem a viagem que já lhe foi oferecida (Agora! Depois de burro morto, cevada ao rabo!) e viagem num paquete de luxo, em primeira classe, e aí lhe caía do céu a oportunidade de escrever sobre o mar, sobre a velha e nunca morta paixão do movimento e do azul, do inesperado, do bote de naufragos que surge e onde pode vir algum poeta, da serpente lendária, ou talvez não, que pode surgir de fundões, quem pode dizer que não uma possível sereia! E conversasse, dançasse com alguma possível sobrevivente *miss* de balada de Longfellow, de elegia de Swinburn, de novela heróica de Sir Walter, segredasse-lhe versos, entontecesse-a com eles, nem que para ela ininteligíveis, só bastando a voz por que dizia versos em tempos tão perto ainda...

Distrair-se, agora?! Querer viajar, agora, como tanto já quis, quando não lhe ofereciam viagens e só e à má cara lhe exigiam fosse carregão burocrático?! Tarde! Tardíssimo! Reservassem a fineza para quando tornasse a nascer! Encantar agora mulhe-res com a voz meio baça, mas que entontecia, sim, que lhes cerrava e arroxeara as pálpebras, lhes entreabria a boca?! Encostar-lhes a cabeça ao peito e ficar entressonhando?! Agora?!

Agora, tarde! A perfeita máquina sensível, a nascida pa-  
ra o amor e para o saber dizer até com silêncios, estragada! Máquina de livro de contos, agora, só. Nada que já chamasse e acordasse o gémeo do gascão de Bergerac, empeçonhado pelas áspides e lacerado pelos ursos topados na carreira de alombar fardões de papel selado, na da prostituição do espíri-to, na da negação ao chamamento dos deuses.

Volta o João ao café e sorri, ateima em sorrir, encara de novo o poeta, que sempre ali pasma e fuma.

Quê, ainda ali, pegado de estaca? E dá à cabeça e aos ombros, como a expressar «és tolinho!», repuxa as calças, com o modo usual já passado a constitucional, enrola um cigarro vagaroso, acende-o e aspira a primeira fumaça, toma-lhe o gosto, deixa-a ir saindo pelas narinas, queda com o embrulhi-nho de *francês* pendente e apertado nos beijos, que seguem sorrindo repreensivos mas sem rispidez, amigos.

Caso sem importância! — é o que sempre repete e afirma tão natural candura e tão quente bem-querer. Insiste que o tempo... Firma-se nisso...

Como se não fora a eternidade a negação do tempo! Ou o tempo em círculo... Caído no poço da Melancolia, nem que outra vida inteira lhe fosse dado viver, nem duas, nem mil! Infernal até seria, se lhas dessem!

Os olhos dum melancólico atravessam os crânios, ou se lhes apresentarão de cristal, sugam-lhes e entendem-lhes o mais recôndito dos pensamentos, completam-lhes os próprios pensamentos interrompidos.

Alinham com o poeta, de toda a alma, o João e o Antônimo. Eles sabem — sabem! — pela comunicação misteriosa mas efectiva das almas direitas, das de espinha virginal, que o amigo mordido da desgraça — da maior das desgraças — foi e sempre será um homem de boa vontade, e chega-lhes, sem que suspeitem — de passar além do humano — que de tão boa vontade foi que passou os Mandamentos, que antepôs o próximo a si mesmo, o erro de não se ter fincado no «primeiro eu, sempre eu!» que viria a render-lhe a picadela das víboras humanas que julgou «próximo», a loucura das loucuras de que tanto se arrepejava, a culpa sem maldade, pelo contrário, a do poeta de horizonte sempre azul, do saboreador de voos e cadências, do *Além* comum a toda a expressão da Beleza: volume, cor, proporção, medida, evocação e profecia, lágrima e clarim, gládio e afago: a harmonia de tudo e comum a toda a forma de Arte: que na música ou na pintura, na escultura e arquitectura, precisadas todas de falarem todas as falas, cada qual orquestração tanto consciente como assoprada pelos deuses da dádiva de Amor total: e a Poesia a essência.

O supremo bem, e na mesma o mal supremo de pertencer aos infinitos, de ouvir os deuses! Que os deuses mordem, não beijam... Que os deuses acorrentam aos rochedos o homem que se lhes apossa do segredo: e esfacle-lhes um corvo os fígados, que é para exemplo de ousados...

Redobra o poeta de tristeza quando responde aos dois amigos que morreu, que, dorida sempre a alma ao ponto de todos os suplícios do amor em penas, é menos pior que o dum viver assim resolver-se a partir: o alívio duma bala.

Dói-lhe fundo o coração, ao ter de entristecê-los. Para alegrar amigos assim, até para isso, para ver contentes amigos de tão lavada afeição, bem gostava de se curar. E então abra-

## ÍNDICE

|                                   |    |
|-----------------------------------|----|
| TÚNICA DE NESSO .....             | 9  |
| MEMORIAL DE ARIEL (inédito) ..... | 77 |
| À feição de anúncio .....         | 79 |